

**"COMUNIDADE TIMORENSE EM PORTUGAL:
CARATERIZAÇÃO SÓCIO-ECONOMICA E PROCESSO DE
INSERÇÃO"**

PAINEL

**Problemas de inserção dos timorenses no sistema de ensino e no
mercado de trabalho**

Sua Excelência Sr. Ministro da Solidariedade e Segurança Social

Exmº Sr Dr. Eduardo Graça

Exmºs Srs e Snhªs intervenientes deste Painel

Minhas Senhoras e meus Senhores

Começo por agradecer o convite que me foi dirigido para participar, enquanto representante dos estudantes timorenses em Portugal, neste debate.

Gostaria de começar a minha intervenção por focar a origem dos problemas existentes com jovens e estudantes timorenses que se encontram aqui em Portugal.

Após o Massacre de St.ª Cruz em Dili em 1991, a Indonésia intensificou a perseguição e a tortura dos jovens. Não se sentindo em paz, fugiram de um lado para o outro, tentando alguns deixar Timor para viver como exilados em várias ilhas da Indonésia, principalmente Java e Bali, juntamente com os outros estudantes timorenses que já lá se encontravam.

Apesar de se terem espalhado por diferentes ilhas da Indonésia com o objectivo de poderem viver em paz, o facto é que as perseguições e prisões continuaram e levaram alguns destes jovens a pensar em sair da Indonésia e tentar exilar-se em outros países.

A única via de conseguir sair do território indonésio foi, para muitos, entrar em instalações diplomáticas estrangeiras acreditadas em Jakarta, para assim poderem solicitar asilo político.

Uma vez que Portugal, é a Potência Administrante, reconhecida pela ONU do território de Timor-Leste, este objectivo tornou-se dificilmente aceite pelas Embaixadas onde os jovens, de uma forma ou de outra, entraram para poderem refugiar-se nos diversos países representados por estas.

Na sequência dos acontecimentos que para muitos dos presentes se tornaram públicos, coube aos timorenses, uma única opção: vir para Portugal.

Queria salientar desde já as circunstâncias muito especiais em que nós, os jovens e estudantes timorenses que hoje residimos em Portugal, saímos da Indonésia. Alguns de nós não tínhamos planeado uma fuga sequer e vímo-nos confrontados com o facto consumado. A única alternativa à prisão, tortura e mesmo a morte era sair e neste caso concreto, para Portugal.

Nem nós, nem nada, tinha sido preparado para tal. Desta forma, ao chegar a Portugal, tínhamos atrás de nós um passado, uma família, amigos, estudos que sabíamos não poder rever tão cedo e nem recuperar. As perspectivas e expectativas eram muito confusas.

Ao referir-me a estes factos quero apenas mostrar, ou se preferirem sublinhar, as condições trágicas em que nós chegámos aqui e para as quais não tínhamos podido prepararmo-nos. Da Ásia à Europa, da luta e da perseguição à democracia, do companheirismo à solidão, dum espírito

comunitário a uma mentalidade individualista, da clandestinidade à liberdade, **tudo isto em 24 horas!**

Ao chegar a Portugal a nossa bagagem espiritual era esta que acabo de descrever.

No entanto, uma vez chegados a um país que para nós era familiar por um lado, mas longínquo por outro, tentámos construir uma vida nova, com perspectivas novas, situadas nesta nova sociedade, sem deixar de pensar que o nosso destino é voltar um dia a Timor-Leste Independente.

Tudo o que fazemos é com os olhos, o coração e alma em Timor, nos nossos companheiros de luta, família e na nossa Terra.

O processo de adaptação a uma nova realidade, às vezes, não é fácil e também cria algumas expectativas polémicas ao confrontarmo-nos com ela. Alguns eram sujeitos a perseguições, torturas de várias ordens. Agora, na nova realidade, é-nos exigido um esforço diário para nos podermos adaptar melhor, sem nos afastarmos dos acontecimentos do nosso país, continuando a acompanhar de perto e sentindo o que se passa lá. Neste caso há sempre uma dupla alienação : querendo viver o que está longe, mas querendo viver também, o que está perto. Isto tem sido a causa de verdadeiros desastres emocionais.

Tudo o que referi até agora é para que se possa entender melhor os principais problemas com que nos debatemos desde logo, a saber: a língua, o clima, a mentalidade e a cultura, o sistema de ensino, o apoio financeiro, o alojamento, o acompanhamento psicológico...

Tentemos ver de mais perto cada um destes problemas e como nós os sentimos na realidade da nossa vida em Portugal.

1. A Língua

Como todos nós sabemos, a língua portuguesa deixou de ser a língua oficial logo após a invasão em 7 de Dezembro de 1975. Já lá vão 22 anos! O acto da Indonésia substituir a língua portuguesa pelo bahasa indonésia ao nível oficial, nas escolas e em todas as actividades no território de Timor-Leste, implicou que a maioria dos jovens que nasceram a partir dos anos setenta fossem alfabetizados em língua indonésia. Para nós, o português deixou de existir. Na prática, só sabíamos algumas palavras de ordem que utilizávamos nas manifestações em Timor-Leste e Jakarta. Se tentarmos comparar a língua portuguesa e o bahasa indonésia a nível estrutural, não há comparação entre elas. Uma é totalmente diferente da outra. O português é para nós uma língua completamente diferente e muito difícil. Comunicar em português foi logo o nosso primeiro problema logo que aqui chegámos.

2. O clima

O clima de Timor-Leste é um clima tropical dominado por uma estação seca e outra de chuva. A temperatura média é de 27 graus centígrados. Na Europa, em Portugal, os senhores sabem como é diferente do que acabo de descrever. O frio, as quatro estações... tudo isso era para nós uma novidade à qual tivemos muitas dificuldades para nos adaptarmos

3. A mentalidade e cultura

Como já referi atrás, a cultura timorense é uma cultura fortemente marcada pelo espírito comunitário, familiar e gregário. Na Europa defrontámo-nos com uma cultura individualista, em que cada um se vela a si próprio sem se preocupar com os outros.

Como exemplo, na nossa sociedade poucas mulheres fumam e nunca dividem a conta do restaurante ou do café com o namorado. Ao vermos o que se passa aqui, não podemos deixar de nos sentir deslocados, confusos.

O mundo para muito de nós era, começava e acabava em Timor apesar das situações vividas no território; mas com esta mudança levou-nos a uma contradição incrível: as separações que destroem uma parte da nossa vida. Quem viveu, quem entendeu e estava presente como sujeito a ser torturado, perseguido nunca esquecerá aquilo, nunca. Era como se fosse um pedaço de história que tínhamos vivido e que de repente tivesse sido cortado, posto fora ... Agora é diferente. As nossas perspectivas de futuro, os nossos amigos, os nossos hábitos, inclusivamente os nossos passados. Tudo mudou.

4. Apoio financeiro

A maioria dos jovens aqui, vive com um subsídio da Segurança Social e outros dependem da bolsa de estudo. Em qualquer dos casos o apoio financeiro prestado aos jovens timorenses é limitado e, temos que afirmar, em abono da verdade, que é mesmo insuficiente. O valor da bolsa de estudo nas universidades e nas escolas profissionais são variados. É fácil de compreender que este apoio não assegura uma existência sem necessidades.

5. Alojamento

A maioria dos jovens estão alojados em pensões sem condições de privacidade e outras. Em cada quarto vivem dois, três ou quatro jovens, por exemplo na Pensão «Floresta» em Lisboa. Sem alojamentos condignos onde os jovens vivem de certa forma amontoados, não se criam condições para a sua inserção, adaptação, desenvolvimento e até a aprendizagem da língua portuguesa.

Quando um estudante de Coimbra, Porto ou Braga se quer encontrar com os seus amigos em Lisboa, ou necessita de ficar por motivos de trabalho, não pode porque os alojamentos não o permitem. As relações entre os jovens tornam-se por assim dizer, mais difíceis.

Quanto aos estudantes universitários, temos acesso às residências como os outros estudantes. A diferença está em que nós não temos uma família para onde voltar ao fim de semana ou quando o quisermos. No final do curso, nada sabemos do que poderá vir a acontecer.

6. Acompanhamento psicológico

Vivendo longe da família, tendo tido experiências de guerra, tortura e perseguições, os jovens timorenses encontram-se muito vulneráveis e necessitam, mais do que qualquer outro jovem de um acompanhamento psicológico especializado para poderem fazer face às suas dificuldades pessoais e sociais. O Natal, as férias, os feriados, são passados na solidão das residências, sem a família. As notícias que chegam de Timor, de mais perseguições, mais prisões, mais mortes, não deixam de ser uma forma de reviver todas as tragédias pessoais e colectivas do Povo de Timor. Tudo isto tem implicações no rendimento escolar, no relacionamento com os outros e com si mesmo. Os sofrimentos raramente podem ser partilhados para pudermos ultrapassar esta trauma de violência. Por isso vemos crescer o fenómeno do isolamento de alguns dos jovens que só assim conseguem reagir a esta situação de solidão e ausência de apoio psicológico.

Gostaríamos de poder contar com um acompanhamento mais sistemático e especializado. Isso teria, sem dúvida um grande impacto positivo em cada um de nós.

7. Sistema de Ensino

O Sistema de Ensino que funciona na Indonésia e conseqüentemente em Timor-Leste tem uma clara falta de orientação para as saídas profissionais .

A maioria dos diplomados conseguem trabalhos na função pública fora da sua área de especialidade. Além disso o sistema é claramente estruturado para a reprodução da ideologia dominante que não permite o desenvolvimento de qualquer espírito crítico nos educandos. Só para citar alguns casos, a matéria sobre a ideologia do regime "Pancasila" é obrigatória no currículo – do ensino primário até ao ensino superior; os livros são censurados; qualquer livro sobre o pensamento marxista é proibido e se alguém divulgar um livro sobre o pensamento marxista pode apanhar 10 anos de prisão por ser considerado "subversivo".

No sistema de avaliação, baseado no exemplo americano, utilizam-se os testes de escolha múltipla e de pergunta e resposta simples.

Em Portugal, vivendo numa democracia, confrontámo-nos com a diversidade do pensamento, das ideias, da ausência de censura. A avaliação aqui é baseada no desenvolvimento do pensamento, das respostas, do sentido crítico. Isto é um factor de dificuldade acrescida para nós quando nos integrámos no sistema de ensino superior de Portugal. No que diz respeito ao nosso sucesso escolar, pouco podemos garantir!

Para nós, o curso da língua portuguesa foi bem organizado, mas a sua duração foi curta. Se por um lado esta aprendizagem pôde garantir a nossa convivência nas relações diárias com os outros, por outro, foi muito pouco para desenvolver as nossas capacidades de expressar os nossos conhecimentos nos estudos. É do isolamento e das dificuldades da língua que advém a maior parte do nosso insucesso escolar.

Por isso, pretendemos ter uma avaliação contínua, ao menos de três em três meses, durante um ou dois anos de lectivo, por parte dos organizadores do curso (neste caso as ONG's) para não nos sentirmos abandonados, visto que o problema nas universidades e nas escolas profissionais ainda é maior.

Outro problema que eu queria focar aqui é "o problema das equivalências". Alguns estudantes do ensino superior já estavam no último ano ou no meio dos seus cursos, mas ao chegarem aqui, não lhes foram reconhecidos os estudos feitos e tiveram que recomeçar de novo. Este facto desmotivou-os e levou alguns deles a desistirem.

Apesar das dificuldades que temos tido aqui em Portugal, nós, esta geração de exilados políticos, temos consciência da importância da nossa própria formação e queremos construí-la aqui em Portugal. Porque não temos dúvidas de que esta geração que fez o êxodo, quando um dia regressar ao nosso país natal, em liberdade, vai ter também um papel importante na reconstrução da nossa Pátria.

Limito-me, neste momento a abordar de forma simples os que me parecem ser os principais problemas e obstáculos a uma inserção normal e desdramatizada dos jovens timorenses na sociedade portuguesa e em particular no ensino ou no mercado de trabalho.

Muito mais haverá a dizer.

Agradeço a atenção de todos e permaneço disponível para responder e ou completar algumas questões que queiram conhecer de forma mais específica.

Obrigado.


Zito António de Jesus Soares

Biografia

Zito António de Jesus Soares

Nascido em 30 de Maio de 1971 em Venilale- Baucau.

Filho de Duarte de Jesus Soares assassinado pelas tropas indonésias no dia 16 de Setembro de 1979 tendo em consequência disso vindo a falecer a minha mãe, Florentina Calisto, deixando nove filhos órfãos.

Todos os irmãos e irmãs permanecem em Timor-Leste.

Começo a estudar apenas aos dez anos por causa da guerra porque durante três anos estive nas montanhas com a minha família.

Fiz o ensino primário "*SD - Sekolah Dasar*" em Dili tendo-o terminado com 16 anos (o ensino primário no sistema indonésio compreende seis anos de escolaridade).

O Ciclo "*SMP - Sekolah Menengah Pertama*", de três anos terminei em 1990.

Os estudos secundários "*SMA - Sekolah Menengah Atas*", fi-los na Escola de S. José estando internado no Seminário de Nossa Senhora de Fátima em Dili e tendo concluído em 1993.

Ainda no mesmo ano concorri para as universidades públicas e fui colocado em segunda opção, em Direito na Universidade de Brawijaya, Malang em Java Oriental com bolsa de estudo do governo indonésio.

Frequentava o segundo ano de Direito nesta universidade quando tomei a decisão de participar na manifestação ocorrida em Jakarta em frente da embaixada norte-americana, para comemorar o 3º aniversário do massacre de Stª Cruz, aquando da realização da Cimeira APEC.

Quando tomei a decisão de participar nesta manifestação, estava pronto para ser preso ou morto mas a história trouxe-me até Portugal.

Cheguei a Portugal no dia 25 de Novembro de 1994. Pertenço ao «Grupo dos 29».

Fiz a minha primeira aprendizagem da língua portuguesa com o CIDAC de 6 de Fevereiro até 31 de Julho de 1995.

Ao abrigo de um regime jurídico especial pude ter acesso ao ensino superior. Fui colocado na Universidade de Coimbra no Curso de Psicologia da Faculdade de psicologia e das Ciências da Educação, depois de não me ter sido reconhecidos os dois anos de Direito feitos em Java.

Na tentativa de conseguir melhorar o português e tentar uma adaptação mais flexível à sociedade portuguesa, participei desde cedo em iniciativas da Academia Coimbrã.

Neste momento canto no do Orfeon Académico de Coimbra, sou presidente do Conselho Fiscal da ONG internacional «Acção Jovem para a Paz» (ex MCP) e juntamente com os outros estudantes timorenses de Coimbra, formámos um grupo de música timorense inspirado no modelo das tunas académicas – *“ATC - Académicos Timorenses de Coimbra”*

Coimbra, 3 de Dezembro de 1997